



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Cartografias e construção de sentidos na Urbanização Dispersa

Cartographies and construction of meanings in the Disperse Urbanization

Cartografías y construcción de sentidos en la Urbanización Dispersa

MEDRANO, Ricardo Hernan (1);

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de (2)

(1) Professor Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM – Fau, São Paulo, SP, Brasil; e-mail:
hmedrano@gmail.com

(2) Professor Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM – Fau, São Paulo, SP, Brasil; e-mail:
luizguilherme.castro@mackenzie.br



Cartografias e construção de sentidos na Urbanização Dispersa

Cartographies and construction of meanings in the Disperse Urbanization

Cartografías y construcción de sentidos en la Urbanización Dispersa

RESUMO

As últimas décadas têm evidenciado a emergência de grandes mudanças nos tecidos urbanos. Estas mudanças são observáveis em vastas regiões do planeta. No Brasil, e em particular no estado de São Paulo, estas mudanças vêm sendo observadas pelo menos há duas décadas, e sendo estudadas por diversos pesquisadores. Em particular, por Nestor Goulart Reis, que coordenou inúmeras pesquisas desenvolvidas no LAP-USP (Laboratório de Estudos sobre Urbanização, Arquitetura, e Preservação), reunindo estudiosos de diversas partes do Brasil. Estes fenômenos recebem a denominação de Urbanização Dispersa. Neste artigo procuramos abordar a obra de quatro destacados pesquisadores que têm procurado entender os fenômenos contemporâneos, como contribuição à pesquisa desenvolvida no LAP-USP, através do debate das generalidades e especificidades que o fenômeno assume. São eles: Bernardo Secchi, Marc Augé, Janet Abrams e Peter Hall, e Joaquín Sabaté Bel.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização Dispersa; Representação; Projeto; Cartografias.

ABSTRACT

The last decades have shown the emergence of big changes in the urban tissue. These changes are observable in vast regions of the planet. In Brazil, particularly in São Paulo state, these changes have been observed for at least two decades, and being studied by many researchers. In particular, by Nestor Goulart Reis, who coordinated numerous research carried out in LAP-USP (Laboratory for the Study of Urbanization, Architecture, and Preservation), bringing together scholars from different parts of Brazil. These phenomena are called Dispersed Urbanization. In this article, we discuss works of four prominent researchers who have sought to understand the contemporary phenomena, as a contribution to the research developed in LAP-USP, through the discussion of generalities and specificities that the phenomenon takes. They are: Bernardo Secchi, Marc Augé, Janet Abrams and Peter Hall, and Joaquín Sabaté Bel.

KEY-WORDS: *Dispersed Urbanization; Representation; Project; Cartographies.*

RESUMEN:

Las últimas décadas han evidenciado la aparición de grandes cambios en los tejidos urbanos. Estos cambios se pueden observar en vastas regiones del planeta. En Brasil, en particular en el estado de São Paulo, estos cambios se vienen observando al menos desde hace dos décadas, y siendo estudiados por diversos investigadores. En particular, por Nestor Goulart Reis, quien coordinó numerosas investigaciones llevadas a cabo en el LAP-USP (Laboratorio de Estudios sobre Urbanización, Arquitectura y Preservación), que reúne a estudiosos de diferentes partes de Brasil. Estos fenómenos reciben la denominación de Urbanización Dispersa. En este artículo se aborda el trabajo de cuatro destacados investigadores que han tratado de entender los fenómenos contemporáneos, como una contribución a la investigación desarrollada en el LAP-USP, a través de la discusión de las generalidades y particularidades que el fenómeno asume. Ellos son: Bernardo Secchi, Marc Augé, Janet Abrams y Peter Hall, y Joaquín Sabaté Bel.

PALABRAS-CLAVE: *Urbanización Dispersa; Representación; Proyecto; Cartografías.*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta das pesquisas realizadas no âmbito de Projeto Temático Fapesp, coordenado pelo prof. Dr. Nestor Goulart Reis, com o objetivo de entender as novas mudanças que vêm ocorrendo nas configurações espaciais no estado de São Paulo, caracterizadas como Urbanização Dispersa. Segundo este autor, sinteticamente essas mudanças ocorrem com:

- A formação de áreas de urbanização dispersa.
- A adoção de novos modos de vida pela população
- A adoção de novas modalidades de gestão dos espaços urbanos.
- Alterações nas relações entre espaços públicos e privados.
- Novas formas de organização do mercado imobiliário.
- A adoção de novos padrões de projeto. (REIS, 2006, p:12)

Destaca ainda que a Urbanização Dispersa deve ser estudada em duas escalas ou âmbitos: distintos e interligados: as áreas metropolitanas e o tecido urbano. (REIS, 2006).

Diversos desafios têm se apresentado no decorrer das pesquisas referentes a este assunto, pois o mesmo envolve fenômenos novos e/ou já existentes, mas articulados de outra forma. Em especial as limitações de reduzir as análises apenas a escalas definidas, já que do objeto à rede urbana internacional há relações que parecem cada vez mais intensas e indissociáveis.

A mais recente bibliografia sobre as questões relativas ao urbanismo e à urbanização se caracteriza por tentar amadurecer ideias que vêm emergindo nas últimas décadas, o que ocorre em diversas áreas (o que evidencia claramente, como poucas vezes, a necessidade de um diálogo entre essas áreas). Esse universo de pensamento procura analisar as transformações que vêm sendo observadas, que indicam ser bastante significativas, e em algumas disciplinas, propor como lidar com estas mudanças. Neste artigo, portanto, vamos analisar quatro obras que tratam dessas questões.

2. LEITURAS

Em uma análise mais próxima à esfera da arquitetura e do urbanismo, podemos nos aproximar da dimensão dos desafios através das palavras de Bernardo Secchi:

“Ao primeiro olhar, o século vinte está dividido, na Europa e em boa parte do mundo ocidental, entre duas angústias: a perspectiva de um crescimento irrefreável da cidade e o temor de sua dissolução em formas de implantações dispersas das quais é difícil compreender a função e o sentido futuros.” (SECCHI, 2009, p:32)

O quadro atual está sendo construído por muitos autores, que devem dar conta de uma realidade bastante complexa, na qual as continuidades e rupturas são de difícil leitura, acrescido da dificuldade intrínseca de lidar com fenômenos no presente.

Como contribuição à pesquisa sobre a Dispersão Urbana acima citada vamos neste artigo realizar uma revisão bibliográfica de alguns títulos recentes que tratam de temas afins, procurando verificar como os fenômenos contemporâneos têm sido tratados desde diversos

pontos de vista, dando subsídios tanto para o aperfeiçoamento da pesquisa em pauta como para verificar a validade das análises feitas nesta bibliografia a partir das especificidades do caso brasileiro, em particular no estado de São Paulo.

Iniciamos citando novamente Bernardo Secchi, que em 2013 publicou um livro intitulado “La città dei ricchi e la città dei poveri.” (SECCHI, 2013)

A razão deste tema emergir como algo central é que, para este autor, naquilo que ele chama de “nova questão urbana”, a desigualdade social é um dos aspectos mais relevantes.

A constatação de uma distância maior entre ricos e pobres (que vêm sofrendo grande alarde na mídia pela recente publicação da obra de Thomas Piketty, “Capital in the Twenty-First Century”) mostra a exigência e quão críticos são os processos atuais.

Secchi organiza este trabalho em três teses principais: A primeira é que, embora as cidades sejam diferentes, com histórias diferentes, no futuro muitos dos desafios serão análogos. Segundo, que a questão urbana na contemporaneidade assume um papel de primeiro plano. E terceiro, que o espaço, moldado no tempo, não é infinitamente moldável, não apenas pela inércia que lhe é própria, mas porque é a base para construir as futuras transformações.

Dono de consistência histórica, Secchi consegue construir no tempo essas relações, mostrando que os logros obtidos durante parte do século XX vêm sendo perdidos, assim como a ideia da cidade como espaço de integração de ricos e pobres, na medida em que as pessoas se organizam de forma exclusiva. Enquanto os ricos tendem à homogeneidade, os pobres convivem com diferenças, muitas vezes grandes, de origem, cultura, prática religiosa e nível de instrução. No caso da Europa, isto se manifesta da seguinte forma:

“Transferência para a cidade difusa, abandonando à população extra-europeia de recente imigração o centro da cidade ou parte importante dela, e a construção do quebra-cabeça urbano são dois aspectos de uma idêntica política de separação social, que produz separação espacial e que tem lugar em escalas diferentes: naquela da região metropolitana a separação entre ricos e pobres dá lugar a dois modelos diferentes de tecidos, a dispersão, de um lado, e a concentração dentro de zonas urbanas específicas, do outro; na escala urbana torna-se a estigmatização de quarteirões específicos da cidade. Ambos possuem uma relação política de longa história.” (SECCHI, 2009, p:44)

Enquanto isso, a classe média em parte é absorvida e incluída no conjunto dos mais ricos, enquanto outra parte, bem mais ampla, se direciona aonde estão os das classes mais pobres.

Portanto, essa contemporaneidade é caracterizada por uma ideologia e uma retórica, a ideologia do mercado e a retórica da segurança: “da política de identificação e reconhecimento se passa à da separação e exclusão”. (SECCHI, 2013, p:33).

Naquilo que cabe ao espaço urbano, essas relações terminam por se traduzir em novas formas de uso, na medida em que “o medo desenvolve a intolerância, rompe a solidariedade e desagrada a sociedade, substitui a cidadania e a virtude cívica ...” (SECCHI, 2013, p:22).

E ainda:

“A intolerância nega a proximidade, separa e coloca à distância atividades, edifícios, espaços públicos, seus habitantes e frequentadores.” (SECCHI, 2013, p:22)

Em seu trabalho anterior, “A cidade do século vinte”, Secchi propõe uma reflexão contemporânea da trajetória de um período extremamente rico no campo urbanístico, fundamentando a análise em três histórias principais: 1-Expansão e dissolução da cidade; 2-O fim da Cidade Moderna; 3-Cidade, indivíduo e sociedade.

É interessante notar que neste novo trabalho, publicado oito anos depois do anterior, a ênfase recai na questão dos ricos e pobres, que ele procura trazer para o campo das ideias urbanísticas. Que como já dissemos reflete a percepção de que tendemos a situações de conflito, provavelmente cada vez mais palpável no cotidiano dos habitantes de cidades ocidentais (e europeias em particular), e que cabe um papel importante neste processo àqueles que se dedicam ao urbano. Portanto, Secchi não é em si pessimista quanto a esse quadro, mas adverte que enfrentá-lo preservando as bases das conquistas obtidas, como dimensão política, não será uma tarefa fácil.

A percepção dessas mudanças também têm recebido a atenção de outros autores. É o caso de Marc Augé, que em livro publicado em 2010 aborda a questão da “antropologia da mobilidade” (AUGÉ, 2010). Sua leitura vem sendo constituída desde diversos trabalhos anteriores, em geral bastante divulgados, como é em particular o caso dos *não-lugares*. Busca, como vários outros autores, apreender as dimensões do mundo e da urbanização contemporânea. A questão da mobilidade é uma delas:

“A mobilidade sobremoderna exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ela corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos. (AUGÉ, 2010, p:15)

Propõe as ideias de “mundo-cidade” e “cidade-mundo”. Estas últimas se caracterizam como uma extensão das megalópolis:

“...a grande cidade é um mundo, onde se encontram todas as contradições e os conflitos do planeta, as consequências do fosso crescente entre os mais ricos dos ricos e os mais pobres dos pobres, o terceiro mundo e o quarto mundo, as diversidades étnicas, religiosas e outras.” (AUGÉ, 2010, p:43)

Por outro lado: “...o mundo é [...] uma imensa cidade onde trabalham os mesmos arquitetos, onde se encontram as mesmas empresas econômicas e financeiras, os mesmos produtos...” (AUGÉ, 2010, p:43)

Essas realidades são vistas como faces de uma mesma moeda: “o mundo cidade representa o ideal e a ideologia do sistema da globalização, enquanto na cidade mundo expressam-se as contradições ou as tensões históricas engendradas por esse sistema.” (AUGÉ, 2010, p:44).

Dessa forma, há uma zona entre essas duas ideias, uma fronteira, que é a face invisível deste processo. As fronteiras são por um lado uma representação, na medida em tudo poderia circular globalmente sem restrições, essa é a ideologia do sistema, e por outro a realidade, de um planeta dividido, fragmentado (AUGÉ, 2010, p:21)

Portanto, há na análise de Augé uma tentativa de entender e pensar o futuro a partir da constatação de que as mudanças territoriais, em um sistema altamente conectado, vêm produzindo novos espaços, com profundas implicações políticas. Há aqui, como em Secchi, um sentimento de inevitável constatação, não sem algo de temor, de que assistimos a significativas transformações sociais e espaciais, cujo projeto passa tanto pela compreensão do que são esses espaços e a ação sobre eles, como pela dimensão política intrínseca a esses processos.

Desde o início das pesquisas sobre Urbanização Dispersa, ficou patente que o fenômeno exigia novas formas de registro, análise e expressão, diversas das já utilizadas. Os registros fotográficos de condomínios fechados, por exemplo, eram poucos significativos se observados a partir das mesmas bases que a “cidade tradicional”. Provavelmente os registros mais

interessantes foram os realizados a partir de fotos aéreas tiradas de voos com helicóptero. Da mesma forma o foram, para o território, as imagens de satélite.

Há uma dificuldade evidente em realizar essas operações diante das transformações que caracterizam as novas dimensões do território, bem como os diversos aspectos da vida contemporânea.

Uma pesquisa relevante neste sentido foi organizada por dois pesquisadores da Universidade de Minnesota, Abrams e Hall, que publicaram um livro com a contribuição de autores de diversas áreas e países: “Else/Where: mapping: new cartographies of networks and territories” (ABRAMS e HALL, 2006). O livro está dividido em quatro partes: mapeando redes (mapping networks), mapeando conversas (mapping conversations), mapeando territórios (mapping territories) e mapeando mapeamentos (mapping mapping).

Aparte os resultados obtidos, interessam aqui as motivações e justificativas para realizar estas aproximações.

“...mapear é uma atividade cada vez mais vital, que sustenta diversas disciplinas e transcende a suposta divisão físico/digital. É a cola conceitual ligando a palavra tangível de edifícios, cidades e paisagens com a palavra intangível das redes sociais e comunicações eletrônicas. O mapeamento é também um aspecto central do que os designers fazem. Projetar é inventar estratégias para visualização de informações que tornam possíveis novas interpretações.” (ABRAMS e HALL, 2006, p:1/6)

No parágrafo acima há um ponto chave para entender o papel do “mapping”: não se trata de expressar graficamente o que já se conhece, mas pelo contrário, mapear é justamente para revelar aquilo que não se vê. Neste caso, a linguagem gráfica permite expressar dimensões que através de outras formas de expressão não são possíveis.

Um exemplo, no campo da internet: para identificar falsificações de sites na internet, são produzidos diagramas dos *links* produzidos. Uma arquitetura normal produz um padrão aleatório, mas no caso de uma falsificação o diagrama resultante é mais ordenado, com um nó central. Esta identificação fica extremamente mais fácil quando se utilizam expressões gráficas.

O que não significa que outras linguagens sejam menos ou mais importantes, simplesmente cada uma permite atribuir significados diferentes. Mas o mundo contemporâneo parece ser cada vez mais cartográfico, na medida em que a linguagem gráfica é mais usada como forma de expressão. Linguagem esta que vem sendo estudada há bom tempo, como na obra de um de seus precursores, Jacques Bertin, que escreveu sobre semiologia gráfica já nos anos 1960 (BERTIN, 2010), e talvez não seja por acaso que suas bases venham sendo colocadas em evidência cada vez mais.

Mapear, portanto, parece ser um instrumento cada vez mais essencial para trabalhar com a Urbanização Dispersa, na medida em que permite visualizar as complexas relações envolvidas, em um tecido urbano com características específicas.

Os autores atribuem tal importância à cartografia que entendem que talvez, em algum momento passe a substituir a palavra *design*:

“Talvez o mapeamento pode mesmo vir a superar design como o termo que expressa as complexas, mas relacionados práticas subjacentes a campos aparentemente tão díspares como arquitetura, biologia, geografia, design de interação, análise de redes sociais, estatísticas, arte, cartografia, wayfinding design e estudos urbanos.” (ABRAMS e HALL, 2006, p:6/6)

O exercício do projeto, diante de um limite cada vez menos claro entre as diversas escalas de intervenção, assim como da diferenciação entre o urbano e o rural, exige novos instrumentos.



A constatação de que para planejar de pouco adianta produzir planos nas diversas escalas, sem articulação, já é antiga. Com o fenômeno da dispersão isto é ainda mais evidente. Há duas décadas, pelos menos, que vêm sendo feitos esforços para projetar considerando simultaneamente as diversas escalas.

Um autor que vem teorizando sobre o assunto, e também exercendo profissionalmente o projeto desde essa perspectiva, é Joaquín Sabaté Bel. Ele descreve assim o fenômeno, objeto de estudo e de projeto:

“De uma cidade com um centro reconhecível e uma periferia dependente, do crescimento em mancha de óleo, passamos a um território interdependente e auto-organizado, fragmentado e heterogêneo; onde as atividades podem surgir em qualquer canto; um território onde convivem formas tradicionais de cidade, com novas modalidades de crescimento disperso e polarizado sobre os eixos viários e nós de comunicação. Se configura assim um espaço descontínuo que rompe a ordem morfológica da tradicional cidade compacta.” (SABATE BEL, p:15)

Sabaté Bel propõe a denominação de “Projetos Territoriais Estratégicos” a estas intervenções. Nas suas palavras:

“Projeto porque se pretende chegar ao desenho físico. Territoriais porque respondem a uma problemática e a uma complexidade que vai além do âmbito municipal. E estratégicos por reconhecer áreas de oportunidade e por sua dimensão transversal com decisões que envolvem as diferentes camadas.” (SABATE BEL, p:30)

Este autor assinala que o problema não é o da regulamentação, porque de fato esses territórios já são densamente regradados. A questão é que essas regulamentações não se articulam. Por exemplo, um traçado ferroviário, que tem uma lógica regional, mas que inevitavelmente interfere com diversas instâncias urbanas, como é o caso de grandes ou pequenos núcleos urbanos, situados ao longo do traçado dessa infraestrutura.

Para lidar com isto, propõe uma metodologia de trabalho por camadas, procurando articular tanto na horizontal como na vertical as diferentes dimensões envolvidas. Isto envolve grandes propostas, mas também, e cremos que isto é de suma importância, propostas passíveis de serem objeto de de desenho, nas escalas onde isto é possível.

Naquilo que nos interessa, há aqui uma proposta metodologia de abordagem dos fenômenos urbanos atuais, e também do seu desenho.

3. CONCLUSÃO

Dessa forma procuramos trazer, ainda que muito sumariamente, conteúdos que procuram explicar fenômenos que desafiam o conhecimento estabelecido, na medida em que exigem daqueles que estão pensando e produzindo conhecimento discernir se as abordagens existentes são apropriadas á realidade contemporânea ou não, e em que medida. Por isso as escolhas procuraram ser diversificadas. Do conhecimento geral à Arquitetura e Urbanismo, da teoria ao projeto, dos instrumento às metodologias.

Há uma questão, cara à área de Estudos da Urbanização, como produzida na FAUUSP desde décadas, (SCHERER, 1995) (REIS, 1999), que é a da relação entre os fenômenos gerais confrontados com o entendimento de que as sociedades são históricas. Se há o desafio de entender os fenômenos emergentes, há também o desafio de verificar suas especificidades.



Os autores estudados se referem a esferas gerais, com a consequente perda de especificidade, ou a dimensões mais próximas à realidade europeia ou estadunidense. Cabe então pensar que relações podem ser identificadas com as pesquisas sobre a Urbanização Dispersa no estado de São Paulo e no Brasil. Estas são as contribuições para o debate.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, J.; HALL, P. *Else/Where: mapping: New cartographies of networks and territories*. Minnesota: University of Minnesota Design Institute, 2006.
- AUGÉ, M. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL:UNESP, 2010.
- BERTIN, Jacques. *Semiology of Graphics: Diagrams, Networks, Maps*. Redlands: Esri Press, 2011
- REIS, N. G. *Notas sobre a evolução dos estudos de história da urbanização no Brasil*. Cadernos do LAP 29. São Paulo: FAUUSP, 1999.
- REIS, N. G. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecidos urbanos*. São Paulo: Via das Artes, 2006.
- SABATE BEL, J. Algunos retos metodológicos para una renovación del planeamiento. In: NOVICK, A.; NUÑEZ, T.; SABATÉ BEL, J. *Miradas desde la quebrada de Humahuaca*. Buenos Aires: Cuentahilos, 2011.
- SCHERER, R. *Notas sobre planejamento e método*. Cadernos do LAP 10. São Paulo: FAUUSP, 1995.
- SECCHI, B. *A cidade do século vinte*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SECCHI, B. *La città dei ricchi e la città dei poveri*. Roma/Bari: Laterza, 2013.